

RUA
DA
LI
BER
DA
DE
DIEGO



RUA DA LIBERDADE

DIEGO



Conto Rua da Liberdade

Escrito por Diego

Revisão e Edição: DNA, Diego

Capa: Kamaia

Copyright © 2021, Diego

A Raquel, todos os dias.

*“Sempre chegamos ao
sítio aonde nos esperam”*

Sentado e sozinho. Na mesa de escritório com os raios a rasgarem as paredes e os cortinados se houvesse. Faz sol como ontem fez, mas faz hoje como se me atravessasse primeiro no casaquito social, depois na camisa branca que faz o favor de enforcar-me até ao botão do colarinho, e a camisa interior, e os pelos, a pele e o coração. Desaperto a gravata soletrando: que calor do caraças. Os teclados olham para mim como se também suassem, e suas letras, isoladas uma das outras, formam sílabas incoerentes, adjectivos que não me cabem, conjunções em constante espanto e perplexidade; é para isso que vives? Silêncio, está um calor do caraças, repito, era o que me faltava dar ouvidos aos móveis de escritório, até as folhas em A4 parecem querer enxugar-me dos banhos que me deram os nilos interiores, francamente, estou exausto, se sair de Luanda por uns tempos já ajuda, ir ou à Nova Lisboa ou à Califórnia de carro a ver os matos, estou insuportável eu, fui ao barbeiro no sábado a ver se rejuvenesço, voltei a tocar os seios da minha mulher, vi o facebook da igreja e tudo, essas coisas costumavam funcionar, não sei; inclino a cabeça para traz e vejo o teto, há quanto tempo não sou eu neste corpo que emprestei, já só falta um quarto de hora para o meio-dia, mas é como se já tivesse cavado uma cova, e cavo-a todos os dias, com a excepção do domingo que mal descanso, o resto dos dias eu cavo uma cova com um emprego de merda, um salário de misérias, com as sensações inócuas e cada vez

mais, com os afectos pisoteados assim-assim, a ler papéis que nem eu entendo o destino que os toma, nem leio, assino só e deixo a deus dar, e o que dá deus, a mim deu-me uma mulher que me quer, mas não a amo, um filho no estrangeiro que nem conheço, foi com quinze e já se passaram dez anos, ouvi por aí que fuma cigarros e faz música nos bares; cadê a engenharia, meu menino, eu segui os meus sonhos, pai, que vergonha, nem sabia que sonhos tinhas; e o que mais me deu deus, o que mais, além de um remorso agudizado, infinito e comprido, um remorso por não ter chegado longe, a maria guerra que tanto amei escapou-me dos dedos, se houver um estúpido maior que eu, digam-lhe que disponha, que tire em paz a coleira da cobardia, pois o tolo maior aqui está, de todos os que já viu esse mundo inóspito, tolo tolo tolo, mil vezes tolo, estúpido sem dimensão, levava comigo ouro português achando que era só pedra de barro, era ouro e nem soube, como pude, e como tenho coragem de queixar-me, quanta insolência, fizeste as tuas escolhas e queres agora arranjar culpados, por que não te calas de uma vez?

— Posso entrar, senhor Jaime?

— Entre, Flávia, o que houve?

— Os consultores chegaram para a reunião.

— É para hoje?

— Sim, senhor Jaime, hoje é dia trinta.

— Trinta? Hoje?

— Sim, posso pedir que entrem?

— Quem?

— Os consultores, senhor Jaime, está tudo bem?

— Sim, sim, mande-os entrar, um minuto, sobre o que será a reunião?

— Sobre os novos investimentos e os seguros, o senhor Jaime está bem? Se quiser, eu remarco a reunião, não tem importância.

— Mande-os entrar, obrigado, Flávia, gostei desse seu colete.

— Obrigado, senhor Jaime, recebi ontem de presente.

Parece que o clima continua claustrofóbico, e nele tantos são os homens com fatos e gravatas ou às riscas ou aos quadrados, com cara de palermas, mulheres secas, envaidecidas com as chaves dos carros, as carteiras e os vernizes nas unhas, os papéis debaixo dos sovacos, uns carecas a coçar o olho com os dedos mórbidos e cansados, outras a verem que os cabelos brancos lhes principia as menopausas, e eu, a sentir que pouco pertença neste sítio, não sou como eles são, eu sou um zero, um nada, eles também o são, mas andam escamoteando com maquilhagens e com perucas que não lhes aderem, eu cá não me atrevo, quero cada vez mais o desnudo isso sim, sem peças, sem adereços, sem palpites; O próprio câmbio, desculpe que o interrompa, só um instantinho, nenhum de vocês está com calor? Não tanto, o ar condicionado já ajuda,

Não percebeu a minha questão, caro queiroz,
Creio ter sido bastante clara, senhor jaimé,
Não o bastante pelos vistos,
Não compreendo,
Claro que não compreende, compreender-nos a
nós mesmos, pressupõe dor.

Depois fala um, falam dois e todos falam com as
vozes sobrepostas, e do muito, pouco se
aproveita, é só injectar obesidade retórica que do
resto é magreza por magreza, puro conteúdo
esquelético, uns quantos jogos de cintura, uma
ala com braços de ferro como se houvesse
contraditório possível quando os interesses
convergem, são esses os que vão governar o
mundo, se é que já não o fazem, estou farto de o
dizer, mas ninguém me dá ouvidos. Fico e penso,
caramba, como o tempo voou para tão longe,
hoje é trinta já, segundo sei é o casamento de
maria guerra, foi josé meu amigo de infância
quem bateu-me a porta num desses dias e disse-
me, Olha, tenho uma nova para ti, só não
espantes demasiado a caça, sabes, a maria vai
casar-se no dia trinta, não sejas nenhum tolo, já te
basta a família incrível que tens aí, a dulce, tua
mulher que tanto te quer, o teu filho a formar-se
no estrangeiro, o teu emprego, tens tudo, se não
valorizas o que já tens, contentar-te-ás com um
nada que mora longe e por isso te aflige a alma,
cuidado, meu amigo, cuidado com as escolhas.

Ajeito as mangas do casaco e fixo o olhar um tempo no nada, é claro que ao menos podia concordar com tudo com a cabeça, mas mal ouço o que dizem, imóvel estou imóvel me mantenho, sai-me sem querer um suspiro daqueles, os outros olhares se me apontam, rejeito-os com o desviar para o relógio que vejo as horas, retiro o casaco e então digo sabendo que alarmar-se-iam com vozes pequenas, mas com as veias todas de fora, Meus senhores, teremos de adiar esta reunião, Mas como, se a reunião já vai a bom ritmo? Tudo é rio até decidirmos.

E nada percebem, não há um único que se lhe diga cá está a compreensão estampada, percebe-se o espanto, percebe-se que o queixo só não lhes cai porque têm nele as mãos apoiadas, vários eram os cochichos encostados ao ombro do palerma mais próximo, vários eram os não, vários os cabelos brancos irrisignados, quanta falta de respeito, quanta irresponsabilidade, senhor Jaime, francamente; Nem mais um nem menos, livro-me só da gravata e saio da sala, o que está dito está, até mais, meus senhores.

É para casa que me dirijo agora, o que tiver de me cair em cima que caia de uma vez, eu sei que devo ter cometido uma barbaridade execrável, e o pior é que aquela sala gigantesca nem me pertence a mim, menos ainda a meu pai que nem uma bicicleta para contar histórias chegou a ter, coitado que Deus o tenha, pertence a Jonas, meu outro amigo que anda no Porto em tratamento,

não ficará nada contente com os prejuízos que lhe virei a causar, que desastrado.

— Como estás?

— Bem.

— Chegaste mais cedo.

— Pois é.

— E para onde vais?

— Ao quarto, tirar a roupa.

— E não me dás um beijo?

— Já volto, é só tirar a camisa e os sapatos, não me demoro.

— O canalizador trocou as torneiras, podes usar o chuveiro.

— Pagaste-lhe?

— Paguei.

Estás tão velho tu, olha só para isso, quanto tempo passou, que cara é essa, que casa é essa, quem é este aí especado, credo, parece que tirar a barba não me serviu de muito, não ajudou lá grande coisa, olha para isso, tantas rugas, aposto que se olhar para uma fotografia na mocidade dos trinta, ela há de julgar-me; tu, jaime, o que fizeste da vida? Meu deus, nem pareço eu, o melhor é mudar a posição desse espelho de modos a que quando entrar ele me veja só as costas, ando tão cheio de vergonha de ser eu que quanto menos souber melhor; no outro dia, na fila do banco, uma jovem moça disse-me que pela idade estava bem, é um bocadito agridoce, parece reticência eufemística. Mas será que já passam das três? É

que o sol mudou de posição e consigo ouvir que a vizinha do lado serve a ração dos cães, falando em cães, lembrei-me agora da Raquel, minha irmã, quando vivíamos na província antes dos pais morrerem, brincávamos tanto com os cães do tio jô na fazenda, naquele tempo, tempos tão bons,

— Nunca mais voltas?

— Aqui estou.

— Demoraste uma eternidade, quase que esfriava o jantar.

— Estive só a checar as mensagens e os emails, o que há para comer?

— Peixe.

— Peixe, de novo?

— Só há peixe, jaime.

— Pois, estou a ver.

— Para onde vais? Não vais comer?

— Vou me sentar e ver futebol, estou sem fome.
(e o beijo?)

Dei-lhe o beijo de que me esqueci, o que é isso de esquecer-se de beijos, que bizarro, há duas noites toquei-lhe num dos seios e não sei o que senti, ficou gelada e estática, e eu, arrependido, quase pedi desculpas: dormimos (de costas) num silêncio profundo com verdades que não se deixavam tocar, nem a elas nem as raízes, nem ao cheiro e nem aos ruídos que já se foram, só as não-vozes pairando, só silêncio e vontade de amanhã.

— Qual é o jogo?
— Manchester.
— Soubeste da Joana?
— O que tem ela?
— Parece que já deu à luz.
— Podes trazer-me água?
(claro)

Não acredito que o tempo voou tão longe, hoje é trinta já, é o casamento de maria guerra, meu deus, como passou tão rápido, ainda ontem tínhamos os dois vinte e cinco e sonhávamos com o amor, e hoje, um aqui e outro aí, como estranhos cujos destinos são isoladas e paralelos, quem dera voltar, o sorriso era encantador, com as covas e com as mãos na boca a esconder-se pela timidez, quem me dera; Você está estranho, jaiame; Já não sei o que sinto, E o que pensas fazer? Dar tempo ao tempo, E eu, como fico? Não sei, sei de tão poucas coisas, Devias ao menos saber que me estás a magoar.

— (toma o copo) O que é isso no pulso?
— Nada.
— Vou fazer compras, carnes e legumes, ficas em casa?
— Fico.

Deu-me um beijo na cara e despediu-se, Até já, respondi-lhe com pouca voz; até que enfim o sol se pôs e com ele o imenso calor que me

atordoava e atravessava-me em tudo, às vezes o que sou não basta, resta-me fechar as persianas como o nascer de um novo eu temporário, sabe deus se transitório; aí está o que não se vê a si próprio, aí está o que despiu-se de si para vestir uma felicidade que não lhe serve, aí estão as águas que regaram as árvores de solitude, o solo não existe, se existe é breve como um sopro que vem e vai, um instante como todos somos, Havemos de chegar ao que vive longe, a distância é o de menos quando nos esperam, chegamos sempre, nem que faça sol ou chuva que nos deslave o que supomos ser imanente, chegamos sempre tal como cá chegamos, julgando que as escolhas eram eternas, que as paixões não morriam, esquecemo-nos de tanta coisa, de que o amor em si é planta, por exemplo, ou de que o desencanto não é nenhum estranho, ora aparece nas soberbas, ora nos sutiãs feios, ora no desleixo, no despreparo, ora senta-se connosco e recusa-se em ir-se embora, porque gritas enquanto falo, sim, também porque não tens um penteado novo há séculos, é claro que estou farto, claro que sim, se não cuidas de ti, não cuidas de nós; olha só para isso, eu disse-te que não queria filhos e tu fazes disso o nosso pão de cada dia? As escolhas não eram eternas, eternos afinal são os retrocessos, e as paixões como nascem, morrem. São como nós. É claro que o amor é planta, como é que te esqueceste? (e tu, o que fizeste por nós)

Fiz o que pude.

Só sabes deixar-me nervosa, tu. Vou levar as minhas coisas e durmo esta noite em casa da minha mãe, espero que reflitas o suficiente.

(Eu espero que não voltes.)

Meus deus, como saber que afinal a paz está na guerra adiada?

Tenho de mendigar um beijo que é meu, que me pertence, o que fiz para merecer; há duas noites tocou-me os seios e virou-se de costas, é um desastrado, nem percebeu que me caiu uma lágrima que limpei com as pontas do sutiã, que engoli alguns soluços e depois da meia-noite saiu-me um vômito dos enjoos, eu amo uma pedra isso sim, hei-de ter paciência até quando se há duas semanas fazíamos amor porque o procurei e quase implorei: toca-me, por favor. Nem para isso sirvo, o que sou afinal?

— Não comes a sopa?

— Não, estou sem fome.

(é sempre a mesma coisa.)

Destranco a porta do carro e marcelo está ao telefone e com uma das mãos apoiadas na caixa de mudanças, meu deus, olha para isso, este homem que mal conheço e tão bem me quer, está tão bem vestido e cumprimenta-me docemente com beijos na testa, olha-me nos olhos, diz amor, diz nós, diz vamos, o plural faz-me crer que estou despenteada, e diz ele, Estás tão linda assim, o que faço, meu deus, o que faço? No outro dia

fugi de casa dizendo que ia ver a mãe e dormimos os dois num quarto de hotel, no mesmo em que ia com Jaime nos primeiros anos de casados; enquanto subia as escadas tocou-me a cintura e soube que era mulher, tocou-me com os dedos e eu era uma mulher, os dedos todos, caramba, eu sou uma mulher, posso sentir, e agora o que faço, hei-de ter paciência como, de que maneira, se a paz está na guerra que negocio?

marcelo perguntou-me como iam as coisas no serviço, mas não respondi, estou a pensar noutra coisa; quando os filhos e a mulher foram de férias na província e dormimos os dois em casa dele, na cama dele, meus deus, nós nem devíamos, não te preocupes que já já a deixo e seremos só tu e eu, prometes, prometo; é claro que acredito, claro que confio, aquela cama também é minha, os lençóis pertencem-me como tu me pertences, o que fazer, recolher as minhas coisas antes que nasça o sol e com ele os julgamentos infundados, os dedos a apontarem-me, os olhares, cala-te, nada sabes sobre a minha vida.

— Dulce. Pareces tensa.

— Sim, um bocado.

— Conta-me, como vai o serviço?

— Não é nada com o serviço.

— O que é então?

— Toma.

— O que é isso?

- É um teste, marcelo, estou grávida.
— Mas... já devias ter resolvido, não?
— Resolver o quê?
— De quanto é que precisas? Eu dou-te o que quiseres.
— O quê? Que conversa é essa?
— Não te faças, tu sabes como são as coisas, não sabes?
— Por favor, não faças isso.
— O que queres de mim? Eu tenho os meus filhos e tenho a minha mulher, tu é que não devias estar fazer isso.
— Mas tu prometeste.
— Prometi o quê? Foram palavras, dulce, nada mais, palavras.
— Não faças isso, eu te imploro, por favor.
— Desce do carro.
— marcelo
— Desce do meu carro

É claro que descí. Estive com as mãos apoiadas na bíblia que ele trazia, olhei nas dele que me devolviam o teste, que sentimento contraditório, que curativos hei de fazer, voltei a amar uma pedra; é impressionante como os momentos mais eternos são também eles os mais efémeros, mas é claro que descí daquele carro, só não escondi nada, não me contive, estou tão magoada que deixei tudo contigo aí onde me amaste loucamente, eu quero que as lágrimas fiquem, são para ti, é apenas o teu nome que levo comigo, levo-o pelo tempo que a memória consentir,

como se as estrelas que ainda moram na alma que partilhei contigo datilografassem com pontos luminosos; agora sim adeus, e desço do carro com o lenço ensopado.

Caramba, devia ter me apressado mais, dulce já voltou das compras e destrancou a porta, aposto que me vai perguntar para onde vais assim vestido, eu tenho a resposta pronta, na ponta da língua, Hei-de voltar; que estranho, entrou, atirou as chaves com brutalidade à mesa e foi ao quarto, não sou tão desastrado quanto parece, podia jurar mesmo que era uma lágrima no olho esquerdo; quase que sinto saudades, em tempos que se foram era nos meus braços que havia de cair e contar-me os segredos, contar-me o que pensa, o que a vida fez dela, se tem saudades do miúdo ou se precisa de férias, ou se é da promoção no serviço que nunca chega, vai ficar tudo bem, dá-me um beijo e só descansa, quão cruel podem ser as reviravoltas, é terrível; falando nisso, que estranho, não me pareceu ter visto os sacos de plástico com os legumes e as carnes, devo só estar desatento, se disse que ia às compras é para lá que foi; agora o que faço, vou para lá e me despeço, apenas saio, estou de mãos atadas, julguei que ainda a conhecesse como a palma da minha mão, mas que grande palerma, se nem o corpo é o mesmo imagina os sentidos e as vontades, é claro que me escapa completamente; será que grito de longe dulce, será que destravo a maçaneta, será que lhe toco os ombros, será que

volto, só deus sabe. Peguei num pedaço de papel e então escrevo, Hei-de voltar, assinado jaime, e fui.

Na praia do bispo, igreja católica, jaime entra e olha a noiva no altar. Em casa, dulce senta-se na cama e olha as roupas e os móveis como se dissesse adeus. No altar, a noiva atrapalha-se, leva a mão à boca e não diz nem sim nem não, só lhe caem lágrimas ao ver o que viu. Em casa, dulce tira peça por peça, também ela não disse uma única palavra fotografando o semblante da noiva, apenas coloca as roupas numa mala preta e vai soluçando. Foi o senhor padre quem fez o sinal-da-cruz e perguntou erguendo ao alto a bíblia, Aceita-o como único e legítimo? E foi dulce quem o respondeu secando as pálpebras e saindo do quarto carregando as roupas e outros pertences. maria guerra não responde, faz um silêncio. dulce então pega no mesmo pedaço de papel, vira-o ao contrário e nele escreve, Hei-de voltar, assinado dulce, e foi-se. maria guerra abana a cabeça em discordância, desce do altar e corre para os braços de jaime. E tal como dulce foi-se e não irá abortar, maria guerra e jaime continuavam sim a ter os vinte e cinco anos e a sonhar com o amor. *É a rua que existe dentro de nós, nossa rua da liberdade.*

FIM